

Estratégias e usos do pronome indefinido *todes* em *tweets*: um diálogo entre a linguística cognitivo-funcional e a teoria *queer*

Tiago Ruas Dieguez*

Resumo

A utilização de pronomes considerados não binários, nas mais diversas línguas, tem sido amplamente debatida, numa polarização em que se enfrentam, de um lado, defensores e ativistas, e de outro, críticos e censores, num debate em que a língua revela sua conexão permanente com os indivíduos, a sociedade e a cultura. Estratégias de neutralização de gênero, como o uso do pronome *todes* em português, voltam-se sobretudo para a desconstrução do modelo heteronormativo que também subjaz à língua, propondo alternativas que desvelam a norma e seus valores, bem como criam caminhos desviantes, transgressores. Neste trabalho, busca-se analisar, através da perspectiva da linguística cognitivo-funcional e com o aporte da teoria *queer*, as ocorrências do pronome pessoal *todes* no português e suas características num *corpus* de 100 *tweets*, utilizando-se como categorias de análise os conceitos de neutralização de gênero e visibilidade de gênero não binário. As análises permitem identificar, na utilização do pronome *todes*, principalmente estratégias de desgenerificação ou neutralização de gênero, em que a forma não binária ocupa a posição tradicionalmente reservada ao pronome masculino considerado genérico. Ainda que em quantitativo menos expressivo, o mesmo pronome também é utilizado como forma de evidenciar identidades de gênero social não binárias, funcionando especialmente em blocos coesos e de modo paralelo às formas *todos* e *todas*.

Palavras-chave: gênero gramatical; identidade de gênero; pronome não binário; neutralização de gênero.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre e Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas/Bolsista CAPES). Participa de projetos de pesquisa junto ao Núcleo de Estudos em Linguagens, Letramentos e Formação (NELLF). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1641-3945>

Strategies and uses in tweets of the Brazilian Portuguese indefinite pronoun *todes*: a dialog between cognitive-functional linguistics and queer theory

Abstract

The use of pronouns considered non-binary in the most diverse languages has been widely debated, in a polarization in which defenders and activists, on one hand, and critics and censors, on the other, face off in a debate where language reveals its permanent connection with individuals, society and culture. Gender neutralization strategies, such as the use of the pronoun *todes* in Portuguese, are mainly aimed at deconstructing the heteronormative model that also underlies language, proposing alternatives that unveil the norm and its values, as well as creating deviant, transgressive paths. The aim of this paper is to analyse, from the perspective of cognitive-functional linguistics and with the support of queer theory, the occurrences of the personal pronoun *todes* in Portuguese and its characteristics in a *corpus* of 100 tweets, using the concepts of gender neutralization and non-binary gender visibility as categories of analysis. The analysis allows us to identify in the use of the pronoun *todes* mainly strategies of de-gendering or gender neutralization, in which the non-binary form occupies the position traditionally reserved for the masculine pronoun considered generic. Although in less expressive numbers, the same pronoun is also used as a way of highlighting non-binary social gender identities, functioning especially in cohesive blocks and in parallel to the forms *todos* and *todas*.

Keywords: grammatical gender; gender identity; non-binary pronoun; gender neutralization.

Introdução

O debate sobre o uso de pronomes ou de marcas linguísticas que ultrapassam o espectro do masculino e do feminino, abrigo expressões de pessoas que se consideram não binárias, tem sido objeto de uma ampla polêmica em todo o mundo. Nos meios de comunicação e nas redes sociais, construiu-se um debate que polariza, de um lado, os defensores e ativistas pelo uso de formas linguísticas não binárias, e, de outro, pessoas que se colocam contra a modificação do sistema linguístico tradicional. Representantes desse último polo costumam receber amplo destaque também em iniciativas políticas que visam a controlar ou proibir o uso de pronomes não binários, por exemplo, em textos oficiais ou em estabelecimentos de ensino.

Se podemos apontar uma crescente conscientização sobre os mecanismos linguísticos associados ao gênero social e, portanto, aos conflitos sociais baseados no gênero, também se vê uma mobilização social e política ferrenha que questiona o surgimento de palavras ou marcas linguísticas não binárias, uma reação que visa até mesmo a impedir a utilização de estruturas linguísticas que ultrapassam as ideias do masculino e do feminino.

Dentro desse debate intenso, em que a língua se revela palco de disputas sociais, construções baseadas na binaridade de gênero passam a ser reformuladas em situações concretas de uso pelos falantes, ainda que as novas formas sejam mais frequentes na fala e especialmente na escrita de coletivos específicos ou de grupos considerados minoritários. Um exemplo de nova construção é o pronome *elu*, na língua portuguesa; na língua inglesa, de forma distinta, pode-se perceber certo rearranjo nos usos de construções linguísticas já existentes, como a utilização do pronome *they*, normalmente plural, para se referir também à 3ª pessoa do singular.

Junto à conscientização sobre tais estruturas e sobre as relações de poder que as subjazem — sem se esquecer do papel que também elas apresentam na manutenção do poder nas relações sociais — vem-se promovendo a utilização cada vez mais intensa de expressões, palavras e morfemas desinenciais que traduzem estratégias de neutralização de gênero (Carvalho, 2020, 2021), como estratégias de visibilidade de identidades de

gênero social consideradas minoritárias. Como sintetiza Cavalcante (2022, p. 74), referindo-se ao uso do gênero neutro em português brasileiro, as estratégias de reformulação de gênero apresentam o propósito “ou de marcar indivíduos que não se identificam com masculino e feminino, os não binários, ou para neutralizar os indivíduos”.

Estratégias de desgenerificação ou neutralização de gênero gramatical voltam-se para a desconstrução da função tradicional do pronome plural masculino como genérico, ao mesmo tempo que instituem formas linguísticas *a priori* não relacionadas exclusivamente a uma identidade de gênero social específica. É o caso, no português, do pronome indefinido *todes* ou do pronome pessoal *elu*.

O surgimento de distintas formas de neutralização de gênero nas línguas não deixou de encontrar críticas severas e contramovimentos, como ocorreu no Brasil com a tentativa de votação de um projeto de lei, em 2020, que visaria a proibir a utilização, pelas instituições de ensino e bancas examinadoras de concursos públicos, de “novas formas de flexão de gênero e de número das palavras da língua portuguesa, em contrariedade às regras gramaticais consolidadas”. (Brasil, 2020, n. p.).

Iniciativas semelhantes ocorrem em todo o mundo. Em Buenos Aires, por exemplo, foi decretada, pela Secretaria de Educação municipal, a proibição do uso de palavras de gênero neutro por professores durante as aulas e nas comunicações com os responsáveis pelas crianças (Lankes, 2022). Na França, em 2017, a Academie française realizou uma “advertência solene”, emitindo uma “chamada de alarme” na posição de “garante do futuro” da norma linguística, em que se posicionava fortemente contra a “multiplicação de marcas ortográficas e sintáticas” caracterizadas como “aberração” (Déclaration, 2017, tradução nossa, n. p.). Para a associação que se identifica como “guardiã da norma” e codificadora de suas mudanças, a criação de estratégias de desgenerificação representa um “perigo de morte” para a língua francesa, promovendo “uma língua desunida, desigual em sua expressão, criando uma confusão que beira a ilegitimidade”. (Déclaration, 2017, tradução nossa, n. p.).

A temática da neutralização de gênero também vem sendo debatida e estudada no campo da educação e no campo da pesquisa científica. No campo da linguística, podemos citar o papel da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), que, em 2020, promoveu o simpósio “Língua,

gramática, gênero e inclusão”, integrado ao evento “Abralin Ao Vivo”¹, em que se aprofundaram questões relativas à inter-relação entre gênero gramatical e gêneros sociais. No campo editorial, podemos destacar a obra *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate* (Barbosa Filho, Othero, 2022), publicada pela Editora Parábola, em que diversos autores apresentam análises voltadas às questões linguísticas, discursivas, políticas e educacionais sobre estratégias de inclusão linguística baseadas nas identidades de gênero sociais. A mesma editora, já há mais de uma década, publicou uma coletânea de textos estrangeiros escritos a partir da década de 1970 e considerados clássicos na área. Trata-se da obra “Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos” (Ostermann, Fontana, 2010).

Enfim, na pauta do debate social, em investigações acadêmicas e na atuação política de distintos coletivos, assume-se que as línguas não são um instrumento ou uma codificação neutra ou pura; ao contrário, trata-se de um sistema simbólico perpassado pelas relações sociais, em que as relações de poder se inserem, participando ativamente da criação das estruturas linguísticas. Essas, por sua vez, passam a construir as interações sociais através da linguagem, funcionando também como fatores de manutenção e exercício de poder na sociedade. Analisar tais fenômenos linguísticos e sociais demanda, portanto, uma visão da linguagem como atividade complexa, calcada em seu aspecto cognitivo, porém especialmente em sua dimensão sociocultural, ou seja, a linguagem e a língua como fatores predominantes na construção de relações sociais em que identidades e instituições são manejadas, negociadas e reconstruídas.

Nesse sentido, busca-se neste estudo integrar uma visão oriunda da linguística cognitivo-funcional, cuja focalização recai sobre os usos linguísticos concretos, e não sobre o sistema linguístico em sua abstração, em diálogo com a teoria *queer*, um campo vasto e transdisciplinar que enxerga, na linguagem e no uso da língua, a noção de identidades e de projetos performativos. A partir dessas premissas, observaremos, numa amostragem de um *corpus* de *tweets*, como o pronome *todes* é utilizado, de formas distintas e com estratégias diversas, por falantes do português.

1 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AdQFP3ssAYt. Acesso em: 16 jul. 2022.

A questão da língua num viés cognitivo-funcional e transdisciplinar

Nos estudos linguísticos tradicionais, sob uma visão formalista-estruturalista, a questão da representação da realidade na língua era regida por uma ótica binária, que remonta à filosofia grega: a relação entre os objetos linguísticos e seus referentes ou seria arbitrária, considerando-se não haver correspondência direta entre a forma linguística e o mundo, na visão de alguns estudiosos, ou, na visão de outros, seria uma relação motivada, ou seja, a forma linguística assumiria uma relação de transparência com o referente do mundo (Carvalho, 2021).

Embora os estudos estruturalistas baseados em Saussure (2012), no início do século XX, tenham elevado o argumento da arbitrariedade das formas linguísticas ao patamar de estatuto geral das línguas, diminuindo o prestígio do argumento que defende a motivação das formas da língua, visões mais recentes na linguística colocam em xeque a sistematicidade criada pela abordagem estruturalista tradicional. No âmbito da linguística funcional, por exemplo, adota-se o princípio da iconicidade como premissa, o que pressupõe considerar a existência de uma relação entre os referentes do mundo e sua representação linguística, ou seja, uma motivação para a linguagem que se orienta no sentido do mundo em direção ao sistema linguístico (Neves, 2018).

Também de forma distinta do viés estruturalista tradicional, a chamada Gramática das Construções, desenvolvida no bojo da linguística cognitiva, parte da premissa de que as expressões da língua formam unidades simbólicas cujo sustentáculo é a correspondência entre forma e significado (Ferrari, 2011). Nesse sentido, pode-se pensar que as formas que participam de um dado sistema linguístico mantêm sempre relações com os referentes da realidade — além de provirem elas próprias dos usos praticados nas sociedades —, lógica que não escapa à organização dos gêneros gramaticais nas diversas línguas, cuja motivação encontra respaldo na realidade social.

A linguagem, nessa perspectiva, é vista, portanto, como habilidade cognitiva dos indivíduos e como um processo de interação social, na qual participam as estruturas linguísticas compartilhadas socialmente.

O objeto do funcionalismo na linguística ultrapassa, então, a estrutura, buscando a motivação para os fatos da língua na situação de interação e de comunicação, ao mesmo tempo em que investiga eventuais influências da estrutura sobre os próprios usos sociais da língua. Quando interpretada com a lente da linguística cognitivo-funcional, portanto, a utilização de novos pronomes ou de morfemas desinenciais não binários pode nos revelar fenômenos linguísticos, cognitivos e sociais para além de uma análise focada exclusivamente no sistema e em suas formas.

Além das visões acima, advindas do campo linguístico, há estudos transdisciplinares que, ao reconhecerem a relação interdependente entre linguagem e sociedade, propõem um viés em que a questão linguística é ainda mais atravessada pelas identidades sociais e pelas relações de poder, percebendo-se o uso linguístico não como matéria-prima da construção de um sistema formal, mas como prática social multifacetada, híbrida, tensa. Ou seja, a língua é tratada como um *locus* social em constante adaptação com as representações culturais, os hábitos e as identidades culturalmente negociados. Um dos exemplos dessa abordagem são as perspectivas *queer* aplicadas à linguística, cujo foco central são as discussões sobre construções, reconstruções e subversões da heteronormatividade através da linguagem (Lewis, 2020)².

Uma visada dessa natureza propõe superar certa “prisão” epistemológica, sobretudo quando consideramos os estudos de gênero e os estudos decoloniais, conscientes do fato de que a gramatologia e a própria linguística encontram-se vinculadas a um saber ocidental, de origem greco-romana, sexista e patriarcal. Além disso, a transdisciplinaridade, com o aporte dos estudos culturais, de gênero, *queer* e decoloniais, por exemplo, pode evitar que, mesmo num paradigma funcional, seja supervalorizada a dimensão do sistema linguístico, uma vez que o funcionalismo enxerga, de certo modo, os usos sociais através de lentes epistêmicas da linguística, cuja preocupação principal recai, inevitavelmente, sobre a língua e suas estruturas³.

2 Para uma abordagem sobre perspectivas *queer* na linguística, ver Borba (2015, 2020). Trata-se de uma perspectiva em que há claro enfrentamento ao local de conforto epistêmico e institucional criado pelos campos disciplinares e por instituições tradicionalmente detentoras da produção e da circulação de saberes, como as universidades. De acordo com o autor, “a LQ [linguística *queer*] desafia o campo dos estudos da linguagem a sair dos gabinetes empoeirados e partir para os locais onde o encontro com as diferenças se dá e, com isso, não temer fenômenos e indivíduos que extrapolam, em suas práticas cotidianas, dicotomias produzidas no conforto da teoria.” (Borba, 2020, p. 405).

3 Cabe mencionar o fato de que não há propriamente uma linguística coesa e coerente em objetos e práticas, mas muitas linguísticas, com vieses e métodos particulares. Por exemplo, a linguística aplicada é um ramo da linguística que normalmente se volta para outros campos e abriga epistemologias diversas e mesmo dissidentes.

Da coleta do *corpus*

Neste estudo, busco analisar, a partir especialmente dos paradigmas da linguística cognitivo-funcional e da teoria *queer*, os usos da expressão *todes* no Twitter, observando seus contornos pragmático-enunciativos e sua relação com as estruturas morfossintáticas da língua.

De início, realizou-se, por meio do programa MAXQDA, uma coleta de todas as postagens em português no Twitter, entre 11 e 16 de julho de 2022, que contivessem a expressão *todes*. De acordo com os resultados obtidos na coleta, foram postados, nesse período de 6 dias, 3.395 *tweets* contendo a expressão *todes*, numa média de 566 *tweets* por dia. Para a realização deste estudo, foram destacadas 100 mensagens publicadas nos dias 15 e 16 de julho de 2022, reunidas segundo sua ordem de publicação.

Trabalhou-se com a hipótese de que as manifestações no Twitter, rede em que se utiliza prioritariamente um registro escrito informal, poderiam revelar usos variados do pronome *todes*. Além disso, foram utilizados, como categorias para a análise, os conceitos de estratégias de neutralização de gênero e o de visibilidade de gênero não binário (Carvalho, 2020, 2021; Cavalcante, 2022).

Dos *tweets* analisados

Em 8 dos 100 *tweets* reunidos para análise, é possível encontrar a palavra *todes* acompanhada das palavras *todos* e *todas*, formando ou não um bloco funcionalmente coeso. Em algumas mensagens, por exemplo, percebe-se a utilização de uma sequência coesa em que o pronome *todes* surge ao fim do bloco, havendo apenas alguma variação na ordem das palavras *todos* e *todas* no início da estrutura. A seguir, apresento alguns exemplos retirados do *corpus*, com grifos meus:

- **TODOS TODAS TODES**. sou muito abençoado pela beleza de vocês.
- Bom dia a **todos**, a **todas** e a **todes** também para agradecer geral!
- Booomdiiiiiaaaaaa, Família! Um sabadou bem goxxxxtosa a **todos**, **todos** e **todes**!

Nesses exemplos, é possível perceber que a palavra *todes* funciona como estratégia de visibilidade da identidade de gênero social não binária, paralelamente a uma estratégia de neutralização do caráter genérico do pronome *todos*, que passa a não exercer a função de referência ampla dos indivíduos. No terceiro *tweet*, a questão da ordem dos pronomes evidencia, aliás, nuances pragmáticas interessantes, especialmente no caso do uso do pronome *todas* à frente dos demais.

No *tweet* a seguir, é possível identificar utilização distinta, em que o pronome *todes* aparece à frente do bloco, secundado por marcas gráficas e apenas pelas desinências *-a* e *-o*.

- Mozoeshj estarei no comebacksim! Espero ver **todes/a/o** vcs meus amor

Além disso, há exemplos de usos em que a palavra *todes* surge ao lado da palavra *todos* e da forma *todxs*, apresentando funções distintas:

- [...] Ele cospe na cara de **todos** a até dos **todes**. Mais ainda na cara dos seguidores, acéfálos.

- as pessoas no grupo c0mun1 são assim

- box noitx x **todes** e **todxs**

No primeiro exemplo, vemos a utilização da palavra *todes* como um definidor de um coletivo, em oposição ao grupo referenciado pelo pronome indefinido *todos*. Trata-se de item nomeador, funcionando menos como pronome indefinido e mais propriamente como item lexical de natureza substantiva. Reforça essa conclusão o fato de o autor do *tweet* utilizar o determinante genérico masculino os antes da palavra *todes*. Por outro lado, o segundo exemplo apresenta, em relato reportado, as expressões *todes* e *todxs* lado a lado, implicando tanto uma estratégia de desgenerificação ou neutralização, quanto uma estratégia de visibilidade de identidades sociais não binárias.

Finalmente, a maioria ampla dos *tweets* (92 de 100) revela o uso da palavra *todes* de forma autônoma, independente das estruturas e dos paralelismos detectados nos exemplos apresentados. Em boa parte das mensagens, *todes* assume a função de pronome genérico, como nos exemplos subsequentes:

- Bom dia a **todes**
- Energia fantástica ontem, galera!! Obrigada a **todes** que curtiram o show da Mestre Madruguinha no arraiá do [...] Parabéns à organização, festa linda demais!!
- Bom diaaaaaa, bom final de semana para **todes** vocês! Hoje vou passar o dia faxinando a casa ksksksk
- juro minha dm com a lara se resume a falar mal de tudo e **todes**.

Em especial, podemos ressaltar a mensagem a seguir, em que a palavra *todes* é utilizada em movimento de anáfora para retomar um sintagma nominal anterior marcado pelo gênero gramatical masculino:

- Eu amo que depois que eu terminei metade dos amigos e conhecidos do meu ex ficam dando em cima! Pegarei **todes** assim que voltar em SP.

Em alguns dos *tweets*, é possível perceber, ainda, estratégias gráficas de destaque, especialmente a caixa alta em toda a palavra ou apenas na desinência *-e*:

- bom dia a **TODES**!

[...] Mas acho q está mal. Tendenciosa e homofóbica...avião???? Tem de ser **todEs**.. avioa assim já era aceitável..

Finalizando a análise, observamos, no exemplo a seguir, o uso da palavra *todes* revela, em tom sarcástico, uma estratégia de desgenerificação:

- [...] Os advoguides dos artistas esquerdistis ficam todes doides, amigas. kkkkkk

Possíveis conclusões

Ao se adotar uma visão funcionalista na linguística, reconhecemos que a linguagem, sendo tanto uma habilidade cognitiva, quanto uma prática social interativa, acaba por refletir “processos gerais de pensamento que os indivíduos”, em interação, “elaboram ao criarem significados”. (Cunha, 2011, p. 158). A língua, portanto, não se coloca como um conhecimento

autônomo e estanque em relação aos indivíduos que dela se utilizam na interação pela linguagem.

Como os diversos usos da expressão *todes* no Twitter podem nos demonstrar, e ao contrário de algumas previsões de que o sistema ofereceria barreiras para a neutralização de gênero através de morfemas desinenciais, é certo que há um contingente razoável de usos variados dessa expressão pelos falantes da língua portuguesa.

Ao recorrermos à teoria dos gêneros e à teoria *queer*, podemos ler tais expressões como marcas de projeção e visibilidade de identidades não abrigadas pelos gêneros gramaticais tradicionais, bem como estratégias de desgenerificação que visam a desestabilizar o funcionamento tradicional dos gêneros gramaticais masculino e feminino, possibilitando que um pronome não binário ocupe o lugar do pronome masculino normalmente considerado genérico.

O aporte da teoria *queer*, nesse ponto, pode nos fazer deslocar o interesse extremado sobre o sistema linguístico, seu funcionamento e suas possibilidades de assimilação de novas estruturas, jogando luzes sobre o fato de que as estratégias de neutralização e de visibilização de gênero não são exatamente esforços renitentes de indivíduos para se adequar à norma, mas sobretudo estratégias de questionamento e de oposição aos alicerces do próprio sistema linguístico e de suas normas sociais subjacentes.

Há de se reafirmar, aqui, a existência de construções gramaticais funcionais, elaboradas e utilizadas concretamente por falantes da comunidade linguística do português brasileiro, em que se identifica o pareamento da forma linguística e de seu significado. Há relação, portanto, entre as formas utilizadas e funções específicas relativamente ao mundo que se busca referenciar.

Como vimos na análise de *tweets*, há exemplos de usos em que o pronome *todes* assume uma função especial de neutralização do gênero, numa estratégia em que o falante inclui, na referência, indivíduos sem qualquer tipo de marcação sobre seus gêneros sociais. Essa primeira função é reforçada por casos em que também há, no enunciado, a utilização do pronome *todes* com função anafórica, sendo expressão capaz mesmo de retomar elementos especificamente marcados pelo gênero gramatical masculino. Paralelamente, é possível identificar estratégias em que o pronome aparece como índice de identidades de gênero social não binárias.

Tais usos linguísticos permitem-nos concluir que a língua desempenha funções não limitadas ao sistema, abrigando funções externas e atendendo aos propósitos comunicativos e interacionais dos interlocutores (Cunha, 2011). Esses usos certamente influenciam aquilo que se intitula “sistema linguístico”, na medida em que as construções gramaticais são, elas próprias, unidades linguísticas acessíveis à cognição e ao uso dos falantes.

Importante comprovação da existência de construções gramaticais acessíveis à generalidade dos falantes — baseadas em morfemas desinenciais (-e), itens lexicais (*todes*) e expressões com paralelismo (*todos, todas e todes*) — é a sua retomada por falantes que não as assumem no plano enunciativo, porém as utilizam no plano linguístico, inclusive operando novos significados através de construções outras, como no caso da substantivação do pronome (os *todes*).

A partir da análise dos dados levantados na coleta do *corpus*, deveríamos então nos questionar: quando se levantam hipóteses sobre a inviabilidade de criação de estratégias de neutralização de gênero, qual seria exatamente o “sistema linguístico” a oferecer barreiras à expressão e à interação dos indivíduos pela linguagem? No caso do uso do pronome *todes*, observamos que os falantes se apropriam dos recursos existentes no sistema linguístico, sejam itens pré-existent, sejam morfemas desinenciais, realizando construções gramaticais em que há, nitidamente, um pareamento com o significado pretendido.

Possivelmente, no caso dos críticos aos usos linguísticos de estratégias de neutralização do gênero — aqui simbolizados pelos clamores e gritos de alarme da *Academie française* —, ou no caso daqueles que veem uma impossibilidade sistêmica para a concretização dos usos linguísticos, a barreira que se opõe seja menos linguística e mais social, uma barreira invisível, mas em nome da qual se protege a própria heteronormatividade que perpassa a sociedade ocidental como valor fundante e orientador.

A defesa contundente da norma e do sistema gramatical contra os usos criados pelos próprios falantes da língua revela, portanto, muito mais que um fato linguístico, mas os mecanismos sociais de uma estratégia de manutenção da episteme hegemônica heteronormativa, sobre a qual se constroem saberes e relações de poder.

Referências

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.

BORBA, Rodrigo. FalantxsTransviadx: Linguística Queer e performatividades monstruosas. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 388-409, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35211>. Acesso em: 19 jul. 2022.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Entrelinhas*, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 91-107, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378>. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 5198/20, de 18 de novembro de 2020*. Veda expressamente a instituições de ensino e bancas examinadoras de seleções e concursos públicos a utilização, em currículos escolares e editais, de novas formas de flexão de gênero [...]. Brasília: Câmara dos Deputados, 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2265327>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CARVALHO, Dannel da Silva. As genitálias da gramática. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1693>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CARVALHO, Dannel. Sobre a domesticação do gênero gramatical. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [s. l.], v. 60, n. 1, p. 248-267, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661465>. Acesso em: 18 jul. 2022.

CAVALCANTE, Silvia. A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível da consciência. In: BARBOSA FILHO, Fábio Ramos; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). *Linguagem “Neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 73-93.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p. 157-176.

DÉCLARATION de l'Académie française sur l'écriture dite "inclusive". *Académie française*, 2017. Disponível em: <https://www.academie-francaise.fr/actualites/declaration-de-lacademie-francaise-sur-lecriture-dite-inclusive>. Acesso em: 16 jul. 2022.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LANKES, Ana. Buenos Aires proíbe linguagem de gênero neutro em escolas e abre batalha com ativistas. *Folha de São Paulo*, [s. l.], 22 jul. 2022. Caderno The New York Times, América Latina, LGBTQIA+. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml>. Acesso em: 26 jul. 2022.

LEWIS, Elizabeth Sara. Por uma Linguística Cu(-ir). *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 327-349, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/35174>. Acesso em: 19 jul. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: Interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. Tradução de Ana Cristina Ostermann; Beatriz Fontana. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VICENTE, Emerson. Professora e linguista com 70 anos no serviço público vê equívoco em termo 'linguagem neutra'. *Folha de São Paulo*, 31 mar. 2022. Caderno Vida Pública, Universidade. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/03/professora-e-linguista-com-70-anos-no-servico-publico-ve-equivoco-em-termo-linguagem-neutra.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2022.